

A OBRA DE SEVERIANO PORTO NA AMAZÔNIA: UMA PRODUÇÃO REGIONAL E UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A ARQUITETURA NACIONAL

Leticia de Oliveira Neves

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, EESC-USP.

leneves@gmail.com

O artigo realiza uma investigação histórica do período em que o arquiteto Severiano Mário Porto produziu sua arquitetura, com o objetivo de contextualizar suas obras, de acordo com os acontecimentos políticos, econômicos e sociais do período e as tendências arquitetônicas da época, tanto brasileiras como mundiais. A abordagem se dá por décadas, abrangendo desde o período de sua formação, na década de 1950, até a década de 1990, quando ele reduziu suas atividades de projeto e fechou seu escritório em Manaus-AM. Através disto, procura mostrar que a obra do arquiteto é fruto de experiência única vivida na região amazônica, e não deve ser inserida em um determinado rótulo ou escola arquitetônica.

Palavras chave: Região amazônica. Arquitetura regional.

ABSTRACT

The article presents an historical investigation of the period when the Brazilian architect Severiano Porto produced his architecture. Aims to contextualize his work by the political, economical and social happenings of the period, and also the Brazilian and world architectural inclinations of the time. The work is divided in decades, including since 1950, period of his graduation, till 1990, when he reduced his work activities and closed his office in Manaus-AM. Finally, shows that the architect's work is the result of a single experience lived in the Amazonian region, and mustn't be included in certain label or architectonic school.

Keywords: Amazonian region. Regional architecture.

1. INTRODUÇÃO

Severiano Porto foi um dos arquitetos brasileiros pioneiros a atuar na região amazônica, onde viveu e trabalhou durante 36 anos, mantendo associação com o colega Mário Emílio Ribeiro, no escritório carioca. Hoje é um arquiteto conhecido nacional e internacionalmente, e, de acordo com Segawa, um dos mais importantes do final do século XX: "Atualmente, as

obras de Severiano Porto formam – ao lado das produzidas por Niemeyer – o conjunto de projetos mais conhecido de um arquiteto brasileiro contemporâneo na América Latina e Europa.” (SEGAWA, 1989).

A Amazônia ocupa 60% do território brasileiro, e representa cerca de 2/3 da floresta tropical existente no mundo. Apesar de vir sofrendo, nas últimas décadas, um progressivo processo de exploração predatória, possui uma grande riqueza natural, sendo, segundo Segawa (1993), a maior reserva de madeira para construção do mundo, e ainda hoje há diversas regiões de difícil acesso e intervenção. Quando Porto chegou em Manaus, em 1965, a região apresentava pouquíssimos profissionais do ramo da construção, e era rara a preocupação em adaptar a arquitetura às condições locais. O arquiteto, então, despontou como pioneiro na preocupação em divulgar essa idéia, e introduziu novos padrões de projeto e métodos de construção, sempre procurando adequar-se à cultura local e utilizar materiais regionais.

A convivência com a população local foi, aos poucos, introduzindo-o ao ritmo de vida da região e integrando-o à nova realidade. Com o passar do tempo foi revelando um “[...] esforço em trabalhar características regionais através da apropriação e reelaboração de técnicas e materiais tradicionais.” (ZEIN, 1986). Assim foi reconhecendo e se adaptando às diferenças geográficas, climáticas, às diversidades culturais, riquezas naturais, e aprendendo a lidar harmoniosamente com um sítio extremamente delicado: “[...] without excluding his own background, the architect began a long and loving apprenticeship of the Amazonian way of life.” (SEGAWA, 1993).

A questão ambiental, desde o início, foi prioritária em seu trabalho, por se tratar de intervenções em um ambiente extremamente delicado. A arquitetura dita “amazônica” que o arquiteto desenvolveu foi resultante das dificuldades e peculiaridades encontradas, tanto de recursos como de mão-de-obra especializada. A inserção harmônica na paisagem circundante e a adequação ao clima são preocupações visíveis em suas obras, dentre elas: o Campus da Universidade do Amazonas, projeto de 1970-80 (figura 1); a Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), de 1971 (figura 2); a pousada na Ilha de Silves, de 1979-83 (figura 3) e o Centro de Proteção Ambiental de Balbina, de 1983-88 (figura 4).

Segawa enfatiza tais preocupações de Severiano Porto, que foram cuidadosamente trabalhadas ao longo de sua trajetória profissional, no trecho seguinte: “It reveals na almost 30-year apprenticeship and knowledge of the Amazonian environment, a realistic answer to the constant challenge of inserting man-made artifacts into delicate ecosystems.” (SEGAWA, 1993).



Figuras 1 e 2: Universidade do Amazonas e SUFRAMA, respectivamente (SABBAG, 2003)



Figuras 3 e 4: Pousada na Ilha de Silves e Balbina, respectivamente (SABBAG, 2003)

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.1 Décadas de 1940 e 1950: ascensão e apogeu da arquitetura moderna brasileira

Severiano Porto nasceu em Uberlândia-MG, mas logo aos cinco anos de idade mudou-se para o Rio de Janeiro. cursou arquitetura na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, nos anos de 1950 a 1954. Neste período, pós-segunda guerra mundial, o país passava por uma fase de prosperidade econômica, intenso progresso e desenvolvimento, que se espelhava também na arquitetura, que viveu uma época de glória, com a repercussão internacional da arquitetura moderna brasileira através de obras de arquitetos como Oscar Niemeyer, Irmãos Roberto, Affonso Eduardo Reidy, entre outros.

O prestígio social da profissão, alcançado nas décadas de 40 e 50, refletiu na disseminação do ensino de arquitetura pelo país. As escolas tornaram-se importantes centros de discussão das novas idéias entre os jovens e, entre elas, a Faculdade Nacional de Arquitetura, do Rio de Janeiro, foi a principal irradiadora de profissionais do período, pois contribuiu de forma significativa para a formação de arquitetos e difusão da linguagem carioca. Muitos dos primeiros arquitetos modernistas brasileiros haviam se formado lá, como Jorge Moreira, Luís Nunes, Oscar Niemeyer, Milton e Marcelo Roberto, Affonso Reidy, Ernani Vasconcellos, Leão Moreira.

A faculdade abrangia os resultados dos acontecimentos da década de 1930, quando Lúcio Costa foi nomeado diretor da então Escola de Belas Artes, e tentou implantar uma reforma, com base no Movimento Moderno, com o objetivo de introduzir o modernismo no ensino de arquitetura. Apesar de fracassada, a tentativa foi um acontecimento importante, que marcou o desenvolvimento futuro: “Os poucos meses que dirigiu a Escola bastaram para exercer uma influência decisiva.” (BRUAND, 1997). O curso de arquitetura desvinculou-se da Escola Nacional de Belas Artes em 1945, quando foi formada a Faculdade Nacional.

O ensino que temos é fruto de uma longa luta iniciada quando Lúcio Costa assume a direção da Escola de Belas Artes do Rio. No seu artigo ‘Uma escola viva de Belas-Artes’, ao lutar contra o academismo, já tem como premissa a síntese entre o racionalismo internacional e a tradição local. Tentativa de reaproximar a escola da realidade contemporânea. (ACAYABA; FICHER, 1979).

É, portanto, neste contexto que Severiano adquiriu sua formação, em anos de euforia econômica e produção arquitetônica intensa, cujo centro estava na cidade do Rio de Janeiro, então capital do país. As palavras do próprio arquiteto esclarecem o momento: “Na época viviam-se coisas muito criativas na arquitetura, até sem perceber ou sentir claramente, era uma fase de importantes exemplos de nossa arquitetura, embora esparsos e fruto de um país jovem e sem muitos compromissos.” (PENTEADO et al, 1986)¹.

A realização de Brasília, entre os anos de 1957-60, marcou o apogeu do período modernista brasileiro e o auge da profissão: “[...] a afirmação do movimento moderno é Brasília, que concretiza no edifício e no urbanismo as teorias assimiladas e desenvolvidas. Então, não existia proposta urbanística mais avançada” (ACAYABA; FICHER, 1979) O projeto de transferência da capital federal para Brasília fez parte do Plano de Metas do então presidente Juscelino Kubitschek, e sua construção acabou por simbolizar o coroamento do período modernista na arquitetura brasileira, pela clara influência da Carta de Atenas e do urbanismo racionalista. Porém, já no momento posterior à Brasília, passa a ocorrer uma diversificação em todos os aspectos da arquitetura no país.

2.2 Década de 1960: decadência da arquitetura moderna brasileira; migração de arquitetos por todo o território

O golpe de 1964 colocou os militares no governo, iniciando o longo período de ditadura militar no Brasil. Foram anos de terrível repressão cultural, que gerou consequências diretas no campo da arquitetura, como afirma Burmeister (1982):

¹ Entrevista exclusiva cedida por Severiano Porto à Penteado et al (1986).

A mudança de rumos no desenvolvimento político econômico e social do país imposta pelo golpe militar de 1964 comprometeu, também, o desenvolvimento da arquitetura como parte integrante de um projeto cultural brasileiro que se afirmava progressivamente. (ZEIN, 1982a)².

A tentativa de sustentar o êxito alcançado pela arquitetura moderna no país não encontrava mais espaço, e o que se presenciava era apenas a falta de crítica e discussão arquitetônica, resultante da repressão nas universidades e na imprensa especializada, e a falta de incentivo do governo, que até o momento anterior era o grande estimulador da arquitetura brasileira, através do patrocínio estatal de construções públicas. Tudo isto gerou um processo inverso ao esperado, que era de maior desenvolvimento arquitetônico e independência cultural.

[...] houve uma culminância de expectativas econômicas, políticas, culturais e sociais simbolizadas na construção de Brasília que se frustraram ou tiveram um desenvolvimento muito diferente do esperado, trazendo determinadas conseqüências para a arquitetura contemporânea brasileira. (BASTOS, 2003).

Foi neste período que se intensificou o movimento de migração de profissionais por todo o território brasileiro; um movimento iniciado na década de 1950, com a criação de escolas de arquitetura em diversas regiões do Brasil, e incentivado pelo governo militar, através dos planos de integração nacional, que tinham o objetivo de explorar territórios ainda pouco ocupados no país: “A política de ocupação do interior do país no período pós-1964 definiu uma estratégia de ocupação e integração de regiões isoladas e pouco desenvolvidas do Brasil, como o Centro-Oeste e a Amazônia.” (SEGAWA, 1999).

Este deslocamento significava, muitas vezes, uma maior e melhor oportunidade profissional, já que em muitas regiões havia pouquíssimos profissionais qualificados, e se desconhecia a arquitetura moderna. A peregrinação solidificava, portanto, a oportunidade de divulgação do modernismo e a abertura de espaço para a atuação em novos territórios. Porém, uma produção diferenciada, de acordo com cada região, começava a se sobrepor à anterior linguagem arquitetônica única, dominante no auge da arquitetura moderna no país. Assim, a arquitetura foi, aos poucos, deixando de ser um movimento unitário e adquirindo diferenças peculiares em distintas regiões, passando a apresentar grande produção fora do eixo Rio - São Paulo.

Simultaneamente à construção de Brasília, devido à industrialização que se estende a todo o país, a linguagem arquitetônica de origens comuns vai se enquadrar em um novo contexto: diferenças econômicas, climáticas,

² Depoimento dado por Fernando Lopes Burmeister à Zein (1982a).

tecnológicas e de programa conduzem a um processo de regionalização. [...] Deixa de existir uma expressão dominante para a arquitetura brasileira, a qual vai dar lugar a uma produção diferenciada cuja lógica deve ser procurada em cada região. (FICHER; ACAYABA, 1982).

A transferência de conhecimentos de regiões mais desenvolvidas para outras menos desenvolvidas aliou-se à crescente valorização dada aos materiais locais, de menor custo e mais fácil acesso, e assim materiais como o tijolo e a madeira foram ganhando espaço junto ao concreto aparente. Era cada vez mais clara a constatação da necessidade de partir de condições locais para a construção, principalmente em face da realidade do interior, muito diversa da existente nas capitais.

Todo aquele arrojo da arquitetura racionalista [...] no interior não encontrava uma receptividade muito grande. Então, o que se podia fazer não era a arquitetura desejada, mas a arquitetura possível. [...] A experiência mostrou-me então a necessidade de enfrentar um trabalho executado através de materiais convencionais como, por exemplo, o tijolo e a telha de barro, mais coerentes como elementos disponíveis para a construção na maior parte do Brasil, contando com mão-de-obra a eles habituada, dispensando do processo pormenores construtivos mais elaborados, seja pela dificuldade de interpretação dos desenhos, seja pela inexistência de mão-de-obra mais especializada. (Luiz Gastão C. Lima apud BASTOS, 2003)

Muitos arquitetos, que fizeram parte deste movimento intenso, sem precedentes até o momento, podem ser citados. Entre eles, Acácio Gil Borsoi foi um dos primeiros, saindo do Rio de Janeiro e indo trabalhar em Recife-PE, em 1951. Edgar Graeff mudou-se do Rio de Janeiro para Porto Alegre-RS, Oscar Arine foi de São Paulo para Cuiabá-MT. “Situação análoga e simultânea ocorreu com o arquiteto do Rio de Janeiro, Severiano Porto (n. em 1930): convidado para desenvolver projetos e fiscalizar obras em Manaus, capital do Estado do Amazonas, Porto foi o primeiro arquiteto a se transferir para o Estado, na segunda metade dos anos de 1960 [...]” (SEGAWA, 1999). Outros arquitetos contemporâneos a Porto: Marcelo Vivacqua, que foi para o Espírito Santo, João Timotheo da Costa, que se mudou para o Mato Grosso.

Severiano Porto foi para a Amazônia no período em que se iniciou um processo de incentivo de desenvolvimento da região, que, de acordo com o governo militar, desempenhava um papel estratégico na chamada “integração nacional”, por ser um território pouquíssimo explorado, por sua localização e recursos naturais apresentados, o que o tornava economicamente atrativo. “In the mid 60s, the Brazilian government started a more elaborate strategy to establish a definite policy for Amazonian occupation.” (SEGAWA, 1993).

Foi uma época de criação de órgãos regionais de desenvolvimento e de disponibilização de recursos para a implantação de toda uma infra-estrutura necessária na região para permitir um maior desenvolvimento econômico: abertura de rodovias, aeroportos, instalações portuárias, construção de hidrelétrica para produção de energia, implantação e ampliação do sistema de telecomunicações. Tudo isto abriu um imenso campo de trabalho na área da construção, e permitiu que Porto iniciasse um trabalho intenso e ativo na região.

Como parte na criação de infra-estrutura, Severiano foi chamado para realizar o projeto da Companhia Amazonense de Telecomunicações em Manaus, a CAMTEL (que depois veio a se chamar Telamazon), em 1966. A companhia foi criada em 1965, com o objetivo de instalar e explorar comercialmente o sistema de telecomunicações de todo o Estado do Amazonas. Posteriormente, o arquiteto também realizou o projeto de 23 Centrais Telefônicas no interior do Estado, já no processo de expansão da empresa.

Em 1967 foi criada a Zona Franca de Manaus, dentro deste processo de exploração econômica da região, que seria um centro industrial e agropecuário, com uma área para comércio de importação e exportação, com incentivos fiscais especiais. Porto foi convidado para realizar o projeto de sua sede, a SUFRAMA (Superintendência da Zona Franca de Manaus), em 1971, projeto que contribuiu para o rápido processo de urbanização e crescimento do município.

Esta peregrinação de arquitetos por todo o país revelou uma crescente aproximação ao ambiente e à população local, numa atitude de maior respeito ao regionalismo geográfico. Além da maior valorização das características locais, a chegada de arquitetos em diferentes regiões do Brasil permitiu uma troca e enriquecimento de valores e saberes, que vai dar subsídios para a produção arquitetônica diversificada dos anos 80.

Vários arquitetos concordam em considerar o período pós-Brasília como de transição entre a arquitetura moderna pioneira, centrada na figura de grandes mestres, em geral ligados à doutrina corbusiana e um aprimoramento local das conquistas técnicas e estéticas da chamada arquitetura contemporânea. [...] Uma importante constatação foi a da diversificação regional da produção arquitetônica, fato inevitável e imprescindível num país das dimensões do Brasil. (ZEIN, 1982b).

2.3 Década de 1970: início de uma maior preocupação mundial com o meio ambiente; período de pouco debate e crítica na arquitetura brasileira

Nos anos 1970, houve uma conscientização mundial dos limites dos recursos energéticos do planeta, devido a crises sofridas neste setor, principalmente com relação ao petróleo, o

que resultou no reconhecimento da necessidade de preservação ambiental. Isto ocasionou uma maior preocupação ecológica em diversos países, com o surgimento de vários movimentos ecologistas, e levou inclusive à organização da primeira conferência mundial sobre o meio ambiente, realizada pela ONU (Organização das Nações Unidas) em Estocolmo, em 1972.

[...] no início da década de 70, explodia o cartel do petróleo [...] O despertar da sociedade sobre a ecologia atingiria contornos mundiais, com a disseminação e vulgarização das teses julgadas 'apocalípticas', quando divulgadas por instituições científicas nos anos 60. (SEGAWA et al, 1988).

Os sistemas construtivos tradicionais, utilizados em países subdesenvolvidos como alternativas tecnológicas mais acessíveis e baratas, voltaram a ser discutidos e valorizados, pelo menor impacto ambiental que seu uso proporciona. O concreto armado, que na época era o material predominante nas construções brasileiras, herança da arquitetura moderna, passou a ser considerado um material construtivo impróprio para países pobres como o Brasil, por ser de alto custo e gerar elevados níveis de poluição. Na época, o material estava no auge, e era freqüente a reprodução mecânica de modelos da arquitetura moderna.

Neste mesmo período, alguns arquitetos, espalhados pelo território brasileiro, já realizavam obras utilizando sistemas construtivos tradicionais e materiais locais, seja por necessidade de adaptar-se a condicionantes específicos de determinada região, seja por harmonização à cultura e população locais. Alguns exemplos que podem ser citados são os cearenses Néilson Serra e Neves, José Alberto de Almeida e Elbe Martins Ferreira, o paraense Alcyr Meira, Rubens Gil de Camillo, no Mato Grosso do Sul, Gérson Castelo Branco, no Piauí, José Zanine Caldas, no Rio de Janeiro, cuja arquitetura destacou-se pelo emprego de madeira bruta e material de demolição, e Severiano Porto, que aprendeu com a população local – o “caboclo” – técnicas de como manusear a madeira: “A sua prática reflete uma tradição regional, derivada de outros construtores: os carpinteiros navais.” (SEGAWA et al, 1988).

Porém, “[...] uma postura conciliatória entre o contemporâneo e o tradicional conheceu antecedentes bastantes significativos na arquitetura moderna brasileira.” (BRUAND, 1997). Lúcio Costa, um dos precursores da arquitetura moderna no Brasil, já havia buscado, segundo Bruand, uma conciliação entre os princípios do modernismo e os da tradição local em suas obras. No projeto para o Park Hotel de São Clemente, em Nova Friburgo, de 1944, Costa utilizou materiais naturais ou de fabricação simples, aproveitando-se da disponibilidade abundante de madeira na região.

Manifestações neste sentido não chegaram a formar uma produção quantitativamente significativa no país, mas foram importantes como manifestações regionalistas, de

linguagem arquitetônica condizente e integrada ao sítio, e se intensificaram com os debates ecológicos da década de 70. A construção com materiais “alternativos”, de técnicas construtivas artesanais, como tijolo, taipa e madeira, foi mais recorrente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, devido ao precário desenvolvimento econômico e tecnológico destas regiões neste período, e às dificuldades trazidas pelo relativo isolamento em que elas se encontravam.

Segundo Borsoi (1982), arquiteto importante da região Nordeste:

No Norte – Nordeste, de um modo geral marginalizado dentro do plano da arquitetura nacional por diversos motivos, entre os quais aqueles relativos ao aspecto modesto das suas propostas arquitetônicas, surgiu uma outra linha de expressão ligada à terra e aos materiais locais. (ZEIN, 1982a)³

Severiano Porto foi o arquiteto precursor em divulgar a madeira como um material de construção nobre na Amazônia. O material já era muito utilizado em construções na região, por ser disponível em abundância e de baixo custo, porém era visto com restrições, por ser usado apenas pelos pobres para construir suas próprias moradias. Porto se aproveitou da facilidade de manuseio pela mão-de-obra local, e realizou diversas obras em madeira, o que acabou auxiliando na redução do preconceito e na inserção do material em outros contextos. “Confessa Severiano que precisou quebrar muitos tabus e resistências para que essa interpretação da cultura regional acontecesse.” (SABBAG, 2003). “Hoje, é um valor incorporado à moradia de classes sociais nem sempre atentas a ‘inovações’ dessa natureza.” (SEGAWA et al, 1988)

Algumas obras importantes de Porto, em que o uso da madeira foi explorado tanto plástica e espacialmente como estruturalmente, em diferentes processos de experimentação, são a residência do arquiteto, de 1971 (figura 5), a pousada na Ilha de Silves, de 1979-83 (figura 6), e o Centro de Proteção Ambiental de Balbina (figura 7), projeto já da década de 80 (1983-88). Sua residência chegou a ser premiada, por utilizar a madeira de uma maneira adequada, de acordo com o clima e o meio ambiente, tornando-se um exemplo de arquitetura harmoniosamente inserida no contexto regional: “excelente proposta do autor, coerente, elaborada com vocabulário brasileiro [...] sem se alienar da técnica contemporânea.” (CAMPOS, 2003)

A preservação da mata nativa e a integração do projeto ao ambiente foram diretrizes importantes na pousada na Ilha de Silves, uma construção inteiramente artesanal, em que a madeira foi utilizada na estrutura, vedação e cobertura.

³ Depoimento dado por Acácio Gil Borsoi à Zein (1982a).

Com um raro domínio sobre o emprego da madeira – material hoje circunscrito a algumas regiões no Brasil enquanto elemento significativo na linguagem arquitetônica –, os resultados desta obra ultrapassam a reconhecida competência construtiva dos autores, alcançando um efeito formal inédito, mostrando que as técnicas tradicionais, criativamente trabalhadas, podem produzir obras do maior valor e dignidade. (SEGAWA et al, 1988)

Já o Centro de Proteção Ambiental de Balbina é hoje considerado pela crítica como uma construção em que o caráter regional atingiu um refinamento, sendo a madeira trabalhada de maneira singular, tanto no aspecto formal quanto estrutural.



Figuras 5 a 7: casa do arquiteto (SABBAG, 2003), Silves (AU, 1998) e Balbina (SEGAWA, 1989)

Na década de 1970, a arquitetura brasileira passou por um período de pouca discussão e crítica, em que as manifestações acima descritas ocorriam de forma isolada, sem a ocorrência de maiores debates sobre a produção arquitetônica do país como um todo. A falta de publicações especializadas contribuía para esse quadro.

Foi somente no final da década que passaram a ser publicadas três revistas de arquitetura simultaneamente: as revistas *Módulo*, *Pampulha* e *Projeto*, podendo assim iniciar-se uma retomada aos debates. Neste mesmo período, duas publicações do IAB-RJ auxiliaram esse retorno: os depoimentos sobre *Arquitetura Contemporânea após Brasília* e o *II Inquérito Nacional de Arquitetura*, que procuraram discutir a arquitetura produzida no período pós-Brasília. Foi então que se notou uma crise nacional na profissão e uma “[...] necessidade de reposicionamento profissional diante de transformações fundamentais no país, especialmente no índice de urbanização.” (BASTOS, 2003). Estas publicações foram consideradas por Ceça de Guimaraens como um início de renascimento da arquitetura no país.

2.4 Décadas de 1980 e 1990: renascimento do debate arquitetônico; discussão sobre o regionalismo e o pós-modernismo

Quanto aos projetos e obras brasileiros, os anos 80 constituíram um período marcado pelo pluralismo. Eles viram o começo do fim do Movimento Moderno, quanto ao seu caráter dogmático, quando os arquitetos conseguiram se livrar de sua posição fantasiosa de pretender salvar o mundo através dos projetos; quando, aos poucos, o concreto armado aparente, muito difundido na década anterior, cede espaço a outros materiais, principalmente o tijolo e a madeira, em um saudável retorno às tradições e mão-de-obra locais. (PROJETO, 1990a).

O início dos anos 1980 marcou a retomada do debate arquitetônico. É neste período que se observa um retorno contundente da crítica de arquitetura, tanto nas revistas como nas escolas, e uma série de reflexões sobre a prática arquitetônica. Com o fim da ditadura militar, a ilusão do “Brasil grande” finalmente desabou completamente, concomitantemente à percepção da falência da arquitetura moderna e do modelo mundial. O fim da hegemonia das escolas paulista e carioca, que haviam marcado a arquitetura nas últimas décadas, cedeu espaço para outras manifestações arquitetônicas e tornou claro o pluralismo de expressões existente no Brasil, um país de muitas e grandes diferenças regionais.

Os debates mundiais sobre o pós-modernismo, apesar de não terem sido muito intensos no Brasil, auxiliaram, segundo Mário Aloísio Barreto Melo (PROJETO, 1990c)⁴, a reacender os regionalismos e incentivar uma maior diversidade na arquitetura nacional. O que se pôde observar nesses anos foi uma maior tolerância, em relação ao momento anterior, à diversidade de pensamentos e posicionamentos. Segundo Mauro Neves (PROJETO, 1990c), a “verdade única” que foi perseguida nos anos 50 a 70 caiu em descrédito nos anos 80, revelando em seu lugar uma pluralidade de proposições e soluções.

[...] imprescindível entre as tendências de futuro que as arquiteturas se preocupem em trabalhar a favor da realidade em que se inserem; o compromisso maior delas deverá ser a coerência com seu contexto, sempre tendo em vista que a realidade está em permanente transformação, integrando as contribuições que a ela são apostas, e portanto variando continuamente de parâmetros. (ZEIN, 1990).

Foram estas manifestações e discussões de cunho regionalista que trouxeram à tona novos valores, como a necessidade de diálogo da edificação com seu contexto urbano, a adequação ao clima e a ao ambiente natural, a importância da preservação da história e cultura locais. A arquitetura produzida através do uso de técnicas e materiais locais, que alia tecnologia à tradição, passou a ser valorizada em detrimento das soluções universalizadas, como afirma Flávio Carsalade: “Os arquitetos estão começando a entender que é preciso

⁴ Catorze arquitetos comentam os anos 80 na revista Projeto (1990c).

aprender a beber do lugar e da situação para melhor resolver os problemas. É uma postura a favor do pluralismo.” (PROJETO, 1990c).

A discussão brasileira sobre regionalismo fundamentou-se em debates mundiais, como os conceitos levantados por Kenneth Frampton, um dos precursores do denominado “Regionalismo Crítico”; conceitos que surgiram na primeira metade dos anos 1980, cujas principais premissas eram a valorização dos fatores específicos de cada lugar em oposição à universalização das soluções arquitetônicas, a valorização das culturas regionais tradicionais do território de intervenção, trabalhadas de maneira aliada a novos conceitos e tecnologias.

O regionalismo crítico é uma expressão dialética. Timidamente busca desmontar o Movimento Moderno universal com referências a valores e imagens cultivados localmente, enquanto que, ao mesmo tempo, adultera estes elementos próprios com paradigmas extraídos de fontes alheias. (Kenneth Frampton apud BASTOS, 2003)

Segundo Bastos (2003), o regionalismo crítico possui estreita relação com o empirismo nórdico, corrente orgânico-funcional surgida na Escandinávia, quanto aos aspectos da procura por uma adequação ao local, ao clima, à cultura, à construção tradicional. O novo empirismo, por conseguinte, possui ideais próximos ao que Montaner denomina “terceira geração dos modernos”, que compreende os arquitetos cuja atividade arquitetônica se deu por volta de 1945-50. Estes arquitetos preocupavam-se em conciliar modernidade e tradição, e são características de suas obras a forte integração com o meio ambiente, com o clima, a valorização da arquitetura popular e de seus contextos social e cultural. “[...] persegue-se a espontaneidade, a adaptabilidade do edifício aos materiais tradicionais e ao lugar.” (MONTANER, 1995). “Recorre-se novamente à qualidade, cor, textura e conforto dos materiais tradicionais – madeira, tijolo, telha – combinados com painéis e elementos industrializados.” (MONTANER, 1995)

Pode-se também fazer um paralelo com a produção de Lúcio Costa, contemporânea aos arquitetos da terceira geração, e que já apresentava tendências regionalistas: “A contribuição arquitetônica de Lúcio Costa pode ser entendida a partir desse enfoque, como a busca de síntese entre tradição e modernidade, como no Park Hotel São Clemente, em Nova Friburgo, de 1944.” (BASTOS, 2003).

As diversidades regionais, que já eram acentuadas em toda a extensão do país, ao serem incentivadas pelos debates arquitetônicos mundiais, tenderam a se fortalecerem na discussão e produção de arquitetura na década de 1980:

O fim da utopia universalizante da arquitetura moderna e os novos discursos críticos voltados para a noção do contexto, de lugar, de características regionais vieram alimentar uma consciência regional na América Latina. (BASTOS, 2003).

O retorno às técnicas e materiais tradicionais, a adequação à região e ao clima, um processo já em andamento mas que até o momento não havia tido reconhecimento, passou a ganhar importância e a ser incentivado, ao invés do uso indiscriminado do concreto armado.

Foi nesse momento que obras de arquitetos que haviam se deslocado pelo território brasileiro nas décadas precedentes foram reconhecidas: “Nos anos de 1980, colhem-se, no âmbito arquitetônico, os primeiros frutos dos programas de interiorização da economia no país.” (SEGAWA, 1999). O trabalho dos arquitetos Severiano Porto e Mário Emílio Ribeiro, iniciado na Amazônia na década de 1960, foi nessa década reconhecido e divulgado, como uma produção brasileira de forte caráter regional e grande valor arquitetônico. Porto, juntamente com alguns outros arquitetos amazônicos, como Milton Monte e João Castro Filho, poderia enquadrar-se no discurso do regionalismo crítico, segundo Segawa (1999). A própria região, por suas riquezas ambientais, seu relativo isolamento das grandes capitais e população local característica, já favorecia um tipo de construção regionalista.

Nos anos de 1980, a arquitetura desenvolvida por Severiano Porto e Mário Emílio Ribeiro passou a ser vista como uma importante referência nas discussões sobre tendências e caminhos para a arquitetura nacional. [...] Sua arquitetura se enquadrava numa das discussões mais importantes travadas no continente, a revisão da arquitetura moderna, pela introdução de características culturais, construtivas, climáticas, em seus postulados genéricos. (BASTOS, 2003).

Porto recebeu consagração internacional em 1985, no auge das discussões sobre regionalismo, quando seu trabalho foi exposto na Bienal de Arquitetura de Buenos Aires, em que recebeu o “Premio Universidad de Buenos Aires” pelo projeto da pousada na Ilha de Silves. Lá também ocorreu o I SAL (Seminário de Arquitetura Latino-Americana), em que houve forte discussão da identidade cultural dos países latino-americanos e a valorização da produção arquitetônica mais vinculada a características regionais, com diversas exposições, na qual a de Severiano foi uma grande surpresa. Esta bienal marcou a carreira do arquiteto, como ele mesmo explicita:

O que caracterizou a década de 80 foi a grande divulgação da produção arquitetônica de todas as regiões do Brasil. O marco mais significativo do fato acima foi a Mostra da Arquitetura Brasileira, que aconteceu em Buenos

Aires, em 1985, onde cerca de 300 arquitetos brasileiros apresentaram mais de 1000 trabalhos sobre temas diversos, realizados em vários pontos do território, permitindo, pela primeira vez, que se tivesse uma idéia geral do que estava sendo produzido no país, em termos de arquitetura. (PROJETO, 1990c).

No ano seguinte, 1986, Porto e Ribeiro receberam um prêmio do IAB-RJ, ao serem nomeados personalidades do ano. Em 1987, na XXV premiação do IAB Nacional, os projetos para o Campus da Universidade do Amazonas e para o Centro de Proteção Ambiental de Balbina receberam um prêmio, e todo o conjunto de suas obras recebeu menção honrosa no Prêmio Anual Nacional. Neste momento, Severiano era considerado um dos maiores e melhores arquitetos contemporâneos do país, o que foi freqüentemente citado por colegas em artigos e entrevistas:

Arquiteto Bruno Padovano, formado pela FAU/USP em 1973:

O arquiteto que talvez melhor represente os anos 80, na nossa arquitetura, é o Severiano Porto. Sem trair certas premissas modernas de liberdade compositiva, de apropriação do espaço, acrescenta uma liberdade à sua arquitetura, que tem relação com um crivo crítico embasado nas realidades locais, de material e clima. (PROJETO, 1990c)

Arquiteto Antônio Carlos Sant'Anna Jr., formado pela FAU/USP em 1974:

Sobre exemplos significativos da arquitetura brasileira nos últimos dez anos, citaria o Severiano, não como paradigma, mas pela boa arquitetura que produz. (PROJETO, 1990c)

Arquiteto Mário Aloísio Barreto Melo, formado pela UFPE em 1973:

Não por acaso o arquiteto Severiano Mário Porto é o grande nome de nossa arquitetura nessa década. Começamos a sentir que, independentemente do aspecto tecnológico, a arquitetura que está se fazendo no Paraná difere da de Minas, Recife, Manaus, etc. Isso é fundamental, pois envolve uma adequação maior ao clima, regionalismo, tecnologias e tipologias. (PROJETO, 1990c)

Em fins dos anos 80 e início dos anos 90, houve um esgotamento das discussões sobre o regionalismo. Com todas as mudanças ocorridas na década de 1980, a arquitetura passou não mais a ser caracterizada por um número restrito de profissionais, como antes, mas ficou mais diversificada. Atualmente, o pluralismo marca a produção contemporânea em nosso país.

Severiano Porto deixou Manaus em 2001, atualmente vive em Niterói-RJ e dedica-se em organizar o seu acervo. O arquiteto é hoje reconhecido e admirado pela crítica por seu

trabalho na região amazônica, que é visto como uma arquitetura vinculada à natureza e à cultura do lugar; suas obras são reconhecidas como exemplos pioneiros de uma arquitetura regional de qualidade na Amazônia.

3. CONCLUSÕES

Severiano Porto comenta no Catálogo de Exposição “Arquitetos Brasileiros” (1987):

Acreditamos que à medida que formos assumindo a responsabilidade de nos situarmos no momento presente, com a imensa quantidade de informações de tudo o que foi feito até os dias de hoje, de todas as técnicas locais e regionais e mais ainda os novos materiais, os equipamentos de apoio que dispomos, as novas técnicas construtivas, estaremos coerentes com o momento atual, nossa época, livres para criar, de uma forma mais bela, racional, mais adequada às regiões, à ecologia, às identidades regionais e ao seu homem. (CATÁLOGO DE EXPOSIÇÃO, 1987).

Porto, no decorrer de sua trajetória, nunca procurou seguir certa escola ou regra arquitetônica, sua produção reflete a pura vontade de fazer uma arquitetura harmoniosa com o local. O arquiteto comenta sua trajetória como uma produção que apresenta obras de linguagens diferentes para temas diferentes. Ele procurou não se prender a um tipo único de arquitetura, mas se adaptar ao contexto do projeto e ao próprio sentimento do momento.

Normas estéticas, doutrinas, conceitos ou filiação a escolas e tendências, nunca foram sua preocupação. Afirmo ele que sempre se pautou pelo que acha recomendável, ‘a idéia vem depois do programa’. (SABBAG, 2003)

Apesar da tentativa de alguns críticos de inseri-lo em determinados rótulos, como o de arquiteto pós-moderno, sua arquitetura é apenas um reflexo da experiência que viveu na Amazônia, e revela um pensamento de acordo com o modo de vida dos usuários, seus costumes, tradições, que considera o clima, a paisagem, os recursos e materiais locais e as condições regionais. Seu modo de atuação e seu conhecimento acadêmico adquirido no período de formação revelam influências da arquitetura moderna, como explicita Zein: “Severiano Porto, como muitos outros arquitetos latino-americanos, insere-se no que Browne denomina a ‘outra modernidade’, percorrendo caminhos alternativos que não deixam de ser tributários da herança moderna.” (ZEIN, 1986)

Porto viveu uma experiência singular ao ir para o Amazonas, enfrentar pioneiramente a questão de como atuar em uma região inóspita, abrir terreno para a sua produção,

conquistar um espaço enfrentando situações completamente contrárias a quaisquer anteriormente enfrentadas no Rio de Janeiro, onde vivia até então. “Do Rio de Janeiro, levou o conhecimento acadêmico e adaptou-o à maneira simples de construir, à memória e sabedoria dos artesões locais, transmitidas ‘de pai para filho’.” (SABBAG, 2003).

Seu percurso pela Amazônia lhe ensinou muito, e assim foi adquirindo um modo de projetar livre das tendências da época, e atento às condicionantes locais. Zein (1986) considera o objetivo final da produção de Porto o encontro da arquitetura com o homem, suas necessidades e anseios. “[...] Severiano Porto nos oferece não modelos arquitetônicos a seguir, mas sem dúvida uma proposta para um ‘perfil de arquiteto’, através do exemplo de sua atuação. (ZEIN, 1986).

4. REFERÊNCIAS

ACAYABA, Marlene Milan; FICHER, Sylvia. Arquitetura brasileira: tendências atuais. **Projeto**, São Paulo, n. 16, p. 23-30, nov. 1979.

AU. Entrevista Severiano Porto: abrigo natural. **AU**, São Paulo, n. 81, p. 24-25, dez./jan. 1998.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasil: rumos da arquitetura brasileira**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2003.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. Tradução Ana M. Goldberger. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

CAMPOS, Elizabete Rodrigues. A arquitetura brasileira de Severiano Mário Porto. Texto especial **Arquitextos**, 209, dez. 2003. Disponível em: <www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp209.asp>. Acesso em: 10 mar. 2004.

CATÁLOGO DE EXPOSIÇÃO. **Arquitetos Brasileiros**. Paris: [s.n.], 1987.

DAHER, Luiz Carlos. O espaço arquitetônico brasileiro dos últimos vinte anos e a formação profissional do arquiteto. **Projeto**, n. 42, p. 90-100, 1982. Edição especial.

FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene Milan. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FRASCINO, Tito Lívio. Reflexões sobre a arquitetura. **Projeto**, n. 42, p. 88-89, 1982. Edição especial.

LEE, Kyung Mi. **Severiano Mário Porto: a produção do espaço na amazônia**. 1998. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

PENTEADO, Sílvia; ZEIN, Ruth Verde; YAMASHIRO, Denise. A longa trajetória, da efervescência cultural do Rio a Manaus. **Projeto**, n. 83, p. 46-86, jan. 1986.

PROJETO. É preciso sacudir a poeira, criticar, discutir, se encontrar. **Projeto**, n. 42, p. 78-87, 1982. Edição especial.

_____. Uma retrospectiva, a partir da Projeto. **Projeto**, n. 129, p. 111-113, 1990a.

_____. Em debate, a crise dos anos 80 e tendências da nova década. **Projeto**, n. 129, p. 143-157, jan./fev. 1990b.

- _____. Arquitetos de várias gerações mostram o que pensam. **Projeto**, n. 129, p. 168-178, 1990c.
- PURINI, Franco. Caminhos e problemáticas da linguagem contemporânea. **Projeto**, n. 129, p. 102-110, jan./fev. 1990.
- SABBAG, Haifa. Severiano Porto e a arquitetura regional. **Arquitetura Crítica**, n. 12, set. 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/ac/ac012/ac012.asp>>. Acesso em: 10 mar. 2004.
- SEGAWA, Hugo. Liberdade nas curvas e um ponto de inflexão. **Projeto**, n. 125, p. 76, set. 1989.
- _____. Severiano Porto: la sfida dell'Amazzonia. **Spazio e Società**, n. 61, p. 8-17, jan./mar. 1993.
- _____. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1999.
- SEGAWA, Hugo; SANTOS, Cecília Rodrigues; ZEIN, Ruth Verde. (Orgs.). **Arquiteturas no Brasil: anos 80**. São Paulo: Projeto, 1988.
- SILVA, Vânia. Entrevista Severiano Mário Porto: obra pioneira. **AU**, n. 119, p. 48-50, fev. 2004.
- TEPERMAN, Sérgio. Dez anos de arquitetura: pra trás, Brasil (cf. G. M. ou Miguel Gustavo). **Projeto**, n. 42, p. 70-77, 1982. Edição especial.
- WAISMAN, Marina. O centro se desloca para as margens. Tradução Anita Regina Di Marco. **Projeto**, n. 129, p. 73-77, jan./fev. 1990.
- ZEIN, Ruth Verde. O pensamento, as críticas, os sonhos e as reivindicações dos arquitetos brasileiros. **Projeto**, n. 42, p. 52-60, jul./ago. 1982a.
- _____. Arquitetura brasileira: tendências atuais. **Projeto**, n. 42, p. 115-128, jul./ago. 1982b.
- _____. Um arquiteto brasileiro: Severiano Mário Porto. **Projeto**, n. 83, p. 44-45, jan. 1986.
- _____. No século XXI, fim das utopias ou sua realização?. **Projeto**, n. 129, p. 68-72, jan./fev. 1990.
- _____. Título de professor honoris causa para Severiano Porto. Texto especial **Arquitextos**, 210, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp210.asp>>. Acesso em: 10 mar. 2004.